

PROTEÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS **ATIVOS AMBIENTAIS** BRASILEIROS, RUMO À ALMEJADA **ECONOMIA** **VERDE**, PAUTARÃO TRABALHO DA **IBÁ** DENTRO DO CONAMA

Em maio último, a Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) foi indicada como uma das representantes do setor florestal no Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), órgão consultivo e deliberativo do Sistema Nacional do Meio Ambiente-SISNAMA. O Embaixador José Carlos da Fonseca Jr., diretor executivo da IBÁ, foi nomeado titular da cadeira, tendo como suplente Renata Nishio, gerente de ESG da associação.

“Para nós, foi uma grande honra receber o convite para representar o setor de árvores cultivadas no Conama, neste momento de reestruturação e valorização do Conselho e das políticas ambientais deliberadas por ele. Como representantes do setor de base florestal, estaremos ao lado do Fórum Nacional das Atividades de Base Florestal (FNBF), defendendo e demonstrando ser possível aliar uma agroindústria forte e produtiva ao trabalho de conservação da biodiversidade e mitigação da crise climática”, comenta Fonseca Jr.

Na entrevista a seguir, o diretor executivo da IBÁ revela como a indicação se deu e adianta quais são os próximos passos previstos para essa atuação conjunta tão relevante para o Brasil retomar o papel de liderança global e desenvolver todo o potencial agroambiental que detém.

POR CAROLINE MARTIN
Especial para *O Papel*



A indicação ao Conama se justifica tanto pelo trabalho da IBÁ de aproximação e diálogo com o governo e *stakeholders* nacionais e internacionais como pelos fortes resultados que temos colhido quando se trata de meio ambiente, sustentabilidade e conservação da biodiversidade”

O Papel – Como você avalia o ingresso da IBÁ como um dos representantes do setor florestal no Conama? Na sua visão, quais trabalhos prévios justificaram a nomeação?

Embaixador José Carlos da Fonseca Jr., diretor executivo da IBÁ – O espaço conquistado é fruto de longo trabalho de construção de pontes da IBÁ com o executivo, além de organizações não governamentais, iniciativa privada e um bom diálogo construído com órgãos e *stakeholders* da agenda da sustentabilidade. Claro que nada disso seria possível sem o trabalho pioneiro do setor como um todo, que vem há décadas adotando práticas de manejo florestal sustentável, certificação de origem responsável de seus produtos, maciços investimentos em inovação, em transição energética – e diversificando seus mais de 5 mil bioprodutos para atender a uma demanda global por mais sustentabilidade na cadeia produtiva. Hoje, para os 9,9 milhões de hectares de terras produtivas no Brasil, nosso setor tem outros 6,05 milhões de hectares de áreas conservadas, território maior que o Estado do Rio de Janeiro, consolidando o setor como um dos maiores detentores de reservas ambientais, onde já foram registradas mais de 8 mil espécies de animais e plantas. A indicação ao Conama, então, se justifica tanto pelo trabalho da IBÁ de aproximação e diálogo com o governo e *stakeholders* nacionais e internacionais como pelos fortes resultados que temos colhido quando se trata de meio ambiente, sustentabilidade e conservação da biodiversidade.

O Papel – É a primeira vez que a IBÁ compõe esse time de representantes no Conama?

Fonseca Jr. – Não é a primeira vez que a IBÁ irá compor o Conama, pois participamos do colegiado até 2019. O momento de retorno à composição do Conselho,

O MOMENTO DE RETORNO À COMPOSIÇÃO DO CONSELHO É ÚNICO NO SENTIDO DA URGÊNCIA DO BRASIL EM RETOMAR UMA POLÍTICA AMBIENTAL COMPATÍVEL COM A PROTEÇÃO DE PATRIMÔNIOS COMO A AMAZÔNIA

entretanto, é único no sentido da urgência do Brasil em retomar uma política ambiental compatível com a proteção de patrimônios como a Amazônia, maior floresta tropical do mundo e que concentra a maior biodiversidade do planeta. Analisar e deliberar sobre medidas que protejam e valorizem nossos ativos ambientais são o desafio da IBÁ no Conama, hoje mais vital do que nunca, de centralidade nas discussões sobre a transição planetária para a nova economia verde.

O Papel – Qual será a representatividade da IBÁ, ao lado do FNBF, nas frentes de trabalho previstas? Quais as pautas que a entidade pretende encabeçar neste primeiro ano e quais as conquistas almeja para curto, médio e longo prazos?

Fonseca Jr. – Para compreender a representatividade da IBÁ, é importante explicar brevemente o funcionamento do Conama. O Conselho é um colegiado de

cinco setores: órgãos federais, estaduais e municipais, setor empresarial e entidades ambientalistas. A IBÁ e o FNBF são parte do setor empresarial e possuem assento como Conselheiros na Reunião Plenária, ao lado de outros grupos específicos onde os cinco setores também possuem assento. Nessa nova fase do Conselho, cinco grupos temáticos já foram criados ou reestabelecidos, entre eles o Grupo Assessor, que irá debater a composição do Conama e seu regimento. Outro é o Comitê de Integração de Políticas Ambientais (CIPAM), que avalia a admissibilidade das matérias a serem discutidas e as encaminha para as Câmaras Técnicas (CT). Até o momento, há três CTs estabelecidas, mas outras poderão ser estabelecidas no decorrer das atividades. Os grupos possuem quantidade limitada de entidades, portanto a IBÁ é representada em todos os grupos, seja com assento próprio, seja com atuação conjunta com as demais entidades do setor empresarial. Uma frente específica de atuação no âmbito do Conselho e como parte do grupo de organizações empresariais será a composição, por meio de Renata Nishio, nossa gerente de Sustentabilidade e Assuntos Florestais, além de minha suplente no Conama, da Câmara Técnica de Biodiversidade, Áreas Protegidas, Florestas e Educação Ambiental. A câmara avalia importantes temas como a proteção e uso sustentável da biodiversidade; unidades de conservação e demais áreas protegidas; florestas e demais formações vegetacionais; e políticas de educação ambiental. A IBÁ está de portas abertas para ouvir as demandas do setor, que serão levadas ao Conselho em momento oportuno.

O Papel – Na prática, como o trabalho vem se desenrolando?

Fonseca Jr. – A nomeação foi publicada no Diário Oficial da União no dia 8 de maio e os procedimentos nesta

nova etapa do Conama ainda estão em processo de definição. Por ora, tivemos a oportunidade de participar da reunião presencial que me empossou como conselheiro do órgão e a Renata Nishio como suplente, em conjunto com os demais membros do Conselho. Ainda é muito recente para já detalhar trabalhos e reuniões em andamento, no entanto, é possível comentar que o primeiro encontro foi um exercício interessante de democracia, sensação que deve se manter nas próximas reuniões. O Conama está em fase de reestruturação após alguns anos de reduzido protagonismo na política ambiental do País. Na reunião de posse, foi possível perceber que há uma empolgação geral para retomar discussões importantes e urgentes por parte dos conselheiros, que são diversos e vêm do setor privado, academia, governo, assim como de ONGs.

O Papel – De forma mais ampla, qual é a relevância desse trabalho conjunto em prol da agenda climática? Quais avanços previstos a partir das mais recentes nomeações do Conama?

Fonseca Jr. – Hoje, o mundo atravessa um momento ímpar de transição para uma economia de baixo carbono. O Brasil precisa recuperar o tempo perdido e retomar seu papel de liderança internacional, como a potência agroambiental que é. Como diplomata de carreira, participei de várias Conferências das Partes (COPs), desde a Rio 92, e já como diretor executivo da IBÁ estive nas três últimas edições. Durante a COP27, no Egito, pude presenciar o anseio da comunidade internacional para que o Brasil recuperasse sua liderança construtiva na questão da sustentabilidade. Os sinais dados pelo governo atual, desde a presença de Lula em Sharm El Sheik, dão mostras de que, de fato, há um esforço nesse sentido. O trabalho no Conama tem tudo a

**É IMPRESCINDÍVEL
LEMBRAR QUE,
DAS ÁRVORES
CULTIVADAS ATÉ O
PRODUTO FINAL,
OS ESFORÇOS
DE MITIGAÇÃO E
ADAPTAÇÃO À CRISE
DO CLIMA SÃO
INERENTES
AO SETOR**

ver com esse contexto, que traz imensos desafios, é verdade, mas também oportunidades ao Brasil e ao setor. Algo que temos de avançar a discussão de forma mais célere diz respeito ao estabelecimento de um mercado regulado de carbono no Brasil. Se miramos um futuro baseado no desenvolvimento sustentável, temos de colocar todo o setor produtivo para dentro do jogo. Há bons exemplos no Brasil, mas precisamos dar escala a uma agricultura de baixo carbono, inclusive nas práticas ILPF. O papel do colegiado é auxiliar o País, por meio do diálogo, a gradualmente avançar rumo a esses horizontes. Atualmente, temos o desafio de milhões de pequenas propriedades que carecem de tecnologias, investimentos e conhecimento técnico. Além disso, o Brasil enfrenta o desafio de avançar com o CAR – há passos a serem dados e creio que podemos contribuir por intermédio da experiência do setor florestal. Outro ponto é que o Conama estabeleceu, pela

primeira vez, uma Câmara Temática de Justiça Climática. Seu regimento será definido em breve, mas já demonstra a importância do tema neste Conselho.

O Papel – Acredita que a atuação da IBÁ representa mais uma oportunidade para o setor de base florestal demonstrar todo o seu potencial de contribuição para frear a mudança climática?

Fonseca Jr. – Com certeza. É imprescindível lembrar que, das árvores cultivadas até o produto final, os esforços de mitigação e adaptação à crise do clima são inerentes ao setor, estão em nosso DNA. Um dos principais desafios dos tempos atuais é a remoção de CO2 da atmosfera, via fotossíntese vegetal. No Brasil, as atividades florestais e o setor de árvores cultivadas têm papel fundamental nesse sentido, com conhecimento no uso inteligente da terra e respeito à natureza, para produzir mais com o uso de menos recursos naturais, com ganhos de produtividade. Também é importante lembrar que o carbono fica armazenado nos próprios produtos, como livros, móveis, copos e canudos de papel e de seu crescente potencial em substituir materiais de origem fóssil, que são um dos principais responsáveis pela crise que vivemos hoje. Para se ter uma ideia, 45% da massa de um livro ou uma embalagem de papel é formada por carbono imobilizado. A presença no Conama por si só já demonstra um retorno pelo trabalho que temos feito para mostrar à sociedade como o setor valoriza e investe em seu papel como agente ativo na luta contra as mudanças do clima. O setor nunca se furtou à responsabilidade de cuidar da natureza e do planeta, criando formas inovadoras e eficientes de levar a tarefa adiante e mensurar seus impactos. Nosso trabalho dentro do Conselho também será guiado pelo compromisso ambiental que pauta o setor de árvores cultivadas há décadas. ■